

SEXUALIDADES: PRAZERES, PODERES E REDES SOCIAIS

Fátima Regina Almeida de Freitas¹

Resumo²

Neste trabalho trarei um pouco das reflexões que venho desenvolvendo durante a escrita da dissertação “Uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais” no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFG. Para a construção desta etnografia dialogo com pessoas que vivenciam práticas sexuais/eróticas que estão contempladas na sigla BDSM (Bondage & Disciplina; Dominação & Submissão; Sadomasoquismo) e também pessoas que praticam a podolatria (adoração e/ou fetiche por pés). Escolhi como campo o estado de Goiás e o Distrito Federal e meus diálogos geralmente se iniciam pela internet, através de comunidades do Orkut e via MSN.

Palavras-chave: sexualidades, etnografias, prazeres, poderes, redes sociais.

Meu interesse pelo tema começou antes de entrar na universidade, ao ler as obras do Marquês de Sade. Com os estudos sobre relações de gênero e sexualidades e com a orientação do Professor Luiz Mello, veio a possibilidade de transformar em projeto de pesquisa de iniciação científica o que antes era apenas interesse por literatura. Desenvolvi, então, o projeto de iniciação científica “Práticas sexuais não convencionais – uma abordagem socioantropológica”, entre 2003 e 2004. E defendi em 2007 o projeto para conclusão do curso de ciências sociais “BDSM on line: sexualidades quando a internet é o campo”.

¹Bacharel em ciências sociais e mestranda em antropologia social/UFG.

²Trabalho desenvolvido sob orientação da Prof^a Dr^a Custódia Selma Sena.

A presente reflexão está sendo desenvolvida desde minha entrada no Mestrado em Antropologia Social/UFG em 2010 e o que trago aqui são alguns elementos sobre os quais venho refletindo. Busco realizar uma etnografia sobre o BDSM dialogando com interlocutor@s³ que vivenciam esta prática e que residem atualmente no estado de Goiás e no Distrito Federal.

1. Sobre “sexualidades dissidentes” e BDSM

O termo “sexualidades dissidentes” surgiu para nós a partir dos escritos de Gayle Rubin (1989[1984]) que o utilizou para tratar das sexualidades que estavam à margem (fora do ‘círculo mágico’, fora do que é considerado legítimo, legal e aceitável): sexualidades não-reprodutivas, homossexuais, fora do casamento, em lugares públicos, intergeracionais, pornográficas, sadomasoquistas.

Este campo de estudos vem crescendo no Brasil, como nos mostra a visibilidade desta discussão na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), desde 2007, com os Grupos de Trabalho: “Corpos, desejos, prazeres e práticas sexuais dissidentes: paradigmas teóricos e etnográficos” (em 2007), “Deseos que confrontam: estudos sobre sexualidades dissidentes” (em 2009) e “Desejos que Confrontam - Antropologia e sexualidades dissidentes” (em 2011). A partir do GT de 2007, inclusive, foi publicado o livro ‘Prazeres dissidentes’ (BENITEZ e FÍGARI, 2009) no qual constam vinte artigos onde são abordadas diversas práticas/vivências sexuais, tais como: homossexualidades, travestilidades, pedofilia, crossdressing, BDSM, incesto, prostituição, pornografia, etc.

A sigla BDSM é nativa e pode ser traduzida como: BD= Bondage⁴ & Disciplina; DS= Dominação & Submissão; SM= Sadomasoquismo. Concluímos assim que as relações das quais falamos aqui envolvem não apenas dor física, mas também

³ Utilizo o @ para substituir os artigos a/o que marcariam a identidade de gênero no plural. Essa proposta se enquadra dentro do uso de uma linguagem inclusiva, com a franca intenção de insurgir contra o androcentrismo linguístico que define o masculino como “neutro”, “genérico” e “plural”.

⁴ Amarração/Imobilização com cordas, algemas, lenços, etc.

dominação e submissão em contextos consensuais. Quando comparamos as relações BDSM às sexualidades convencionais⁵ notamos que o que provoca uma cisão entre estas práticas é a centralidade do sexo genital na relação sexual. Nestas relações pode haver sexo genital, mas a interação não é pautada para/por ele, o que é central aqui é a relação de dor/prazer, submissão/dominação e não a penetração/genitalidade em si.

Notamos que aqui os pés e roupas, por exemplo, são mais interessantes e mais possíveis de serem utilizados na fantasia do que a pornografia convencional. O uso de acessórios como roupas, correntes, botas, cadeados e vendas são integrantes e mesmo complementares às práticas. Pois aqui, ao contrário do sexo baunilha, as pessoas se vestem para o sexo: “calças de couro, coturnos, máscaras de borracha e tantas outras peças de roupa tornaram-se “uniformes” obrigatórios das “cenas” S&M”(LEITE JR., 2000, p. 34).

Outro elemento que pode ser destacado são os papéis dentro do BDSM, que podem ser basicamente dois: *dominador@/sádico@/tope* *submiss@(sub)/masoquista/bottom*. Além desses há também *@ switcher*, uma pessoa que tem uma performance ‘cambiável’, alguém que trafega entre as categorias, que sente prazer em ocupar as duas posições, numa mesma ou em diferentes cenas SM. A partir desses “papéis” as performances ocorrem e as práticas são negociadas. E um elemento importante aqui é o consenso, pois o lema da comunidade BDSM é SSC: “São, Seguro & Consentido” ou “Sadio, Seguro, e Consensual” (ZILLI, 2007: 68).

2. BDSMP? ou “Como fui pega pelo pé”

Durante a pesquisa fui abordada por vários podólatras (todos homens) curiosos sobre mim e sobre a pesquisa. Sempre me dispus a falar sobre meu tema, explicar minhas intenções e eles me perguntavam se sua prática estava dentro do que eu pesquisava, nesses momentos eu devolvia a pergunta: “O que você acha?”. Diante

⁵O termo nativo utilizado para definir as sexualidades e as pessoas que não vivenciam o BDSM é “baunilha”.

disso, alguns me diziam ser submissos também, mas que sua prioridade era a podolatria.

Conversei bastante com podólatras, mesmo não sabendo necessariamente, se essas informações entrariam ou não em minha pesquisa, pois eles sempre se mostraram mais abertos e disponíveis que @s dominador@s em geral. Nessas conversas, depois de algum tempo (que às vezes era bastante curto) eles me perguntavam coisas como: Deixa eu beijar seus pés? Qual o número do seu pé? Você usa sandália de salto alto? Você nunca se imaginou tendo um homem aos seus pés?

É interessante refletir sobre essas interações a partir do diálogo com Marília Melo (2010). A autora escreveu sobre sua experiência com podólatras em festas fetichistas/sadomasoquistas que etnografou para sua dissertação e afirma que: “para os podólatras, todas as mulheres são rainhas ou deusas, porque em cada uma delas há a possibilidade de deixarem adorar seus pés; mesmo uma mulher submissa pode receber adoração nos pés”. (2000: 24)

Decidi então incluir a podolatria no meu campo, não apenas por ter sido abordada por podólatras e por serem eles geralmente mais abertos ao diálogo, mas também por perceber as ligações entre essa prática/desejo e o BDSM. Mostra dessas ligações é o fato de encontrar divers@s podólatras em comunidades (na internet) e encontros; e também o de submiss@s e dominador@s se denominarem enquanto tal. Marília Melo (2010) chega a se questionar se a sigla não deveria ser BDSMP, para abarcar também a podolatria.

3. Trabalho de campo on line: sexualidades e redes sociais

Outra questão a ser discutida nessa pesquisa é sobre os usos das redes sociais como campo e como meio de conhecer e de me aproximar d@s interlocutor@s.

Muitas pesquisas têm sido feitas na antropologia utilizando a internet seja como campo⁶, seja como instrumento de pesquisa e essa área vem adquirindo cada

⁶Dentre essas pesquisas podemos citar: DORNELLES (2003), MÁXIMO (2002), SILVA (2008) e ZILLI (2007).

vez maior visibilidade nos espaços acadêmicos, mas este campo de estudos ainda é recente. Em 2004, a Revista Horizontes Antropológicos⁷ dedicou um número para tratar destas questões e a nomeou como 'Antropologi@web'. Na apresentação deste número as organizadoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, concluem que: "A incorporação de tecnologias virtuais na prática etnográfica situa, portanto, o antropólogo no dilema que origina o próprio fenômeno da disseminação descontínua da modernidade tecnológica no âmbito das ciências humanas" (2004: 11).

A pesquisa que desenvolvi na graduação teve a internet como campo (FREITAS, 2008) e agora no mestrado a internet está sendo muito útil para ter acesso a interlocutor@s, pois no centro-oeste não há clubes/boates/casas específicas onde as pessoas se reúnem para praticar o BDSM. E qual lugar seria melhor que a internet para localizá-las e estabelecer os primeiros contatos?

Sendo assim, no momento presente entro propriamente no campo, estabelecendo contato com pessoas que vivenciam o BDSM em Goiânia/Brasília, e através de acompanhamento das discussões em listas de discussão e redes sociais, conversas informais, entrevistas (pelo msn⁸, telefone e presencialmente) e anotações no diário de campo busco ter dados para refletir sobre essas relações, interações, sexualidades.

Tratarei brevemente algumas informações sobre a pesquisa que realizo/realizei em grupos de discussão, comunidades do orkut⁹ e fetlife¹⁰.

⁷Revista semestral do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS. A revista está disponível desde seu nº 13 no seguinte endereço: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-7183&lng=pt&nrm=iso.

⁸O MSN é um serviço que permite conversas, via troca de mensagens instantâneas pela internet.

⁹"O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos". Definição disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>.

¹⁰Fetlife, segundo o próprio site, é uma "Rede Social livre para a comunidade BDSM e fetiches". Site: <http://fetlife.com/>. É uma rede social como o orkut, facebook, onde se cria um perfil e se cadastra em grupos de interesses (como são as comunidades do orkut). Segundo a wikipédia (<http://en.wikipedia.org/wiki/FetLife>) foi criado por em janeiro de 2008 por John Baku um engenheiro de software, em Montreal, Québec.

3.1 As listas de discussão do yahoogrupos¹¹

Quando iniciei minhas pesquisas (ainda na graduação) comecei a procurar na internet por sites, blogs e listas de discussão sobre SM. Naquele momento criei um email e me cadastrei em várias listas para ter acesso às discussões, fotos, poesias que eram compartilhadas ali. Naqueles anos (entre 2004 e 2007) havia muitas listas e estas eram um importante meio de comunicação e divulgação, ao menos era isso que eu percebia, e ao conversar (por msn, no dia 04/01/2010) com uma interlocutora do DF (responsável por fundar um grupo BDSM lá) ela me relata sobre a importância da internet para a criação do grupo 'BDSM sem culpas': "foi em 2004 época do boom das listas de discussão do yahoo/ havia varias, algumas nacionais outras locais, onde se debatia temas relacionados ao SM"; e continua falando sobre as redes sociais que surgiram depois:

primeiro eram os chats que bombavam, hoje eles são horríveis/ depois foram as listas do yahoo que promoveram os encontros reais/ depois foi o orkut/ hoje o local mais utilizado, por ser razoavelmente selecionado é o FETLIFE/ a comunidade migra de acordo com os problemas que vao ocorrendo.

Ao voltar a estas listas alguns anos depois (estive afastada entre 2007 e 2010, entre o final da graduação e o início do mestrado), retomando agora o tema e as redes sociais, noto que a maior parte delas hoje se encontra praticamente inativa ou @s membr@s as utilizam apenas para compartilhar imagens. Hoje para a discussão de temas, divulgação de eventos e procura de encontros, os meios mais utilizados são o orkut e o fetlife, dos quais tratarei a seguir.

¹¹Segundo o site Wikipédia, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Yahoo! Grupos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Yahoo!_Grupos). "Yahoo Grupos é um gerenciador de lista de discussão pertencente ao Yahoo! lançado em 1998".

3.2 O orkut e suas comunidades

Para a realização do projeto de conclusão de curso (2007) também criei um perfil de orkut para entrar em comunidades que tratassem dos temas ligados ao BDSM, visualizar suas/seus membr@s e ter acesso aos tópicos do fórum de discussão.

Na ocasião minha atividade de pesquisa era ser somente voyeur,¹² ou seja, uma pesquisadora que passava ‘quase’ invisível. Retomando agora a pesquisa voltei ao meu perfil anterior, mas ‘saí do armário’, defini o perfil¹³ com o nome de “Antropóloga BDSM” e coloquei no item “Quem sou eu” o seguinte texto:

“Sou aluna no mestrado em antropologia social da Universidade Federal de Goiás e pesquiso sobre BDSM. Gostaria de conhecer pessoas que o praticam e residem em Goiás e no DF. msn: xxx
Meu currículo lattes:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4736871P7>”

O passo seguinte foi me cadastrar em todas as comunidades que encontrei sobre BDSM e podolatria em Goiás e no DF (e em algumas nacionais com grande número de membros). Ao todo encontrei onze comunidades e após ser aceita nestas comunidades criei o seguinte tópico em todas elas¹⁴:

Tópico: Pesquisa sobre BDSM em GO/DF

Mensagem: Olá a tod@s! Sou aluna no mestrado em antropologia social na Universidade Federal de Goiás e pesquiso sobre BDSM. Gostaria de conhecer pessoas

¹² Faço aqui uma analogia com uma prática erótica. Voyeur é aquel@ que pratica o voyeurismo. Segundo SHAKTI (2008:105), voyerismo “é o prazer obtido pela observação de outras pessoas seminuas, nuas ou em relações sexuais, normalmente sem o conhecimento dos outros.”

¹³ O perfil é composto de várias informações sobre a pessoa, tais como: idade, relacionamento, atividades, filhos, etc. Além disso el@s podem incluir fotos, vídeos, comunidades, amigos.

¹⁴ Essa estratégia foi inspirada na de duas/dois antropólog@s que usaram o orkut como estratégia para se aproximarem de interlocutor@s de pesquisa, são el@s: Larissa Pelúcio (2008) e Camilo Braz (2010).

que o praticam e residem em Goiás e no DF. Agradeço desde já a ajuda. Abraços.”

Em resposta ao tópico, várias pessoas entraram no meu perfil e me enviaram mensagens afirmando se interessar pela pesquisa e dizendo que gostariam de ajudar. Muitas me adicionaram no msn e já estabelecemos contato e entrevistas através dessa ferramenta.

3.3 Uma rede social mais recente: o fetlife

O Fetlife é a rede social mais recente de acesso ao BDSM e pessoas que o praticam, por ter sido criado somente em 2008 e ser (ainda) totalmente em inglês. Ele traz novidades por ser um espaço (segundo descrição do próprio site) “Projetado pela comunidade, para a comunidade” e porque “Pessoas no FetLife aceitam como você é”.

O fetlife usa as palavras *kinksters* e *kinky* para falar sobre os usuários, tal como na frase “For kinksters by kinksters”. A palavra *kinky* é um adjetivo que pode ser traduzido por¹⁵ bizarro, excêntrico, estranho.

É possível fazer buscas por fetiches para se cadastrar em grupos de interesses e um ranking dos fetiches mais populares. Há também a possibilidade de cadastrar em *groups* (análogos às comunidades do Orkut), cadastrar eventos, participar de discussões, postar fotos e incluir amig@s. Criei um perfil no fetlife, me cadastrei em *groups* e incluí o mesmo texto de apresentação do Orkut. Aqui também está sendo um espaço para conhecer e dialogar com pessoas do meio e ter acesso a discussões sobre as práticas e eventos.

Via fetlife tive acesso a informações sobre o 8º Encontro Internacional BDSM, que ocorreria em São Paulo nos dias 23 e 24 de julho, e pude me programar para comparecer ao evento. Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente interlocutor@s da pesquisa e participar de diversas discussões sobre os temas relacionados às

¹⁵ Segundo o Dicionário o site da ECTACO, site: <http://www.ectaco.co.uk/English-Portuguese-Dictionary/>.

práticas BDSM, além de ter a oportunidade de assistir às cenas no palco do clube onde foi realizado o evento.

4. Reflexões possíveis

Esses são alguns elementos sobre os quais venho refletindo em minha dissertação e trago mais questionamentos que respostas. Essas reflexões ocorrem em diálogos nos quais se relacionam: sexualidades e trabalho de campo; antropologia e redes sociais; práticas sexuais e construção de identidades; relações de gênero e sexualidades; subjetividades e éticas durante o trabalho de campo.

Busco refletir sobre como as sexualidades BDSMP são vivenciadas no contexto goiano (e no Distrito Federal); como as pessoas se constroem como grupos (geralmente usando a internet para se articular); como as relações de gênero se articulam nesses espaços; e tenho algum tempo ainda para amadurecer as idéias e repensar sobre algumas categorias, práticas, desejos, construções de identidades e sobre minha atuação em campo.

Referências

- BENÍTEZ, María Elvira D. e FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz... Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas.
- DORNELLES, Jonatas. *Planeta Terra, cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas*. 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FREITAS, Fátima Regina Almeida de. *BDSM on line: sexualidades quando a internet é o campo*. 2008. Projeto de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Goiás.

LEITE JR., Jorge. *A CULTURA S & M*. 2000. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MÁXIMO, Maria Elisa. *Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura*. 2002. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina.

MELO, Marília Loschi de. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Carlos.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornelia. Apresentação. *Horizontes Antropológicos*, v. 10 nº 21 Porto Alegre, jan./jun. 2004, p. 7-11.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolución Madrid, 1989, p.157-209.

SHAKTI, Agni. *Dicionário de fetiches & BDSM*. São Paulo: Idéia & Ação, 2008.

Silva, Carolina Parreiras. *“Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line”*. 2008. Dissertação (Departamento de Antropologia), Universidade Estadual de Campinas.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria*. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade do Estado do Rio de Janeiro.